

AUTORIA DE PESQUISAS APLICADAS PRODUZIDAS NO LABORATÓRIO DE GESTÃO

MARIA CAROLINA CONEJERO

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEA

ANTONIO CARLOS AIDAR SAUAIA

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEA

Agradecimento à órgão de fomento:

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

AUTORIA DE PESQUISAS APLICADAS PRODUZIDAS NO LABORATÓRIO DE GESTÃO

RESUMO

Em tempos de produção científica estimulada em larga escala nos cursos superiores é desafiador para um estudante de graduação produzir, no decorrer de uma disciplina semestral, uma boa pesquisa teórico-empírica em formato de artigo científico. Este estudo tem como objetivo oferecer um arcabouço teórico sobre autoria para auxiliar estudantes e pesquisadores na identificação de indícios de autoria ao produzirem seus textos acadêmicos na disciplina Laboratório de Gestão, na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP). No referencial teórico foram revisitados diversos conceitos: (i) a autoria e o saber; (ii) o texto acadêmico; (iii) as noções de forma e estilo no discurso; e (iv) o Laboratório de Gestão como uma disciplina científica que integra pesquisa aplicada ao jogo de empresas. Esta proposta de um ensaio teórico-empírico apresenta uma concepção conceitual de indícios de autoria relacionada aos três pilares conceituais do Laboratório de Gestão: simulador organizacional, jogo de empresas e pesquisa aplicada. Vale ressaltar a importância de uma concepção conceitual de autoria em um ambiente laboratorial de aprendizagem gerencial e científica como forma de contribuir para a melhoria da qualidade da produção de textos acadêmicos e, principalmente, alavancar publicações científicas no campo da Administração.

Palavras-chave: autoria; jogo de empresas; pesquisa aplicada

1. INTRODUÇÃO

A palavra autor deriva do latim *auctor-óris* que significa “o que produz, o que gera, faz nascer, fundador, inventor” (HOUAISS; VILLAR, 2001), evidenciando uma ideia de originalidade. Algumas questões tornam-se relevantes para examinar a aceção de autoria: O que é um autor? O que é uma obra? Qual é a relação do autor e da obra com o sujeito?

Basicamente, existem duas noções que apropriam o sentido da existência de autoria: a noção de obra e a noção de escrita. Com relação à primeira, não é suficiente sonegar a existência do autor uma vez que a obra realça a problemática da individualidade do mesmo. Com relação à segunda, destaca-se a práxis do autor na necessidade de comentário (modalidade crítica) e de interpretação (modalidade religiosa). Desta forma, ao discursar sobre autoria no âmbito acadêmico a demanda passa a ser “localizar o espaço deixado vazio pelo desaparecimento do autor, seguir de perto a repartição das lacunas e das fissuras e perscrutar os espaços, as funções livres que esse desaparecimento deixa a descoberto” (FOUCAULT, 2002, p.42).

Os textos acadêmicos que nos dias atuais poderiam ser considerados de natureza científica, entretanto, só eram aceitos na Idade Média se viessem associados ao nome do autor. Entre os séculos XVII e XVIII houve uma mudança de percepção do discurso científico como “um conjunto sistemático que lhes dá garantia e de alguma forma referência ao indivíduo que os produziu” (FOUCAULT, 2006, p.276).

Dorigatti (2004, p.4) reforça uma visão de autor iluminado que, de certa forma, pertence latente ainda hoje, embora desde o início do século XX sejam encontrados indícios de uma “dessacralização” desse autor, justificada pelo surrealismo, na busca dos sentidos esperados em uma escrita automática e, pela linguística, na validação de que a enunciação é um processo vazio que funciona sem a figura do interlocutor. Além disso, vale ainda uma reflexão sobre a influência das “novas tecnologias da informação e da comunicação” para a autoria, que faz

emergir a seguinte questão: como nomear um autor quando um texto pode ser compartilhado em um ambiente virtual e/ou até mesmo modificado por outros usuários?

2. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

O problema de pesquisa relata que em tempos de produção científica estimulada em larga escala nos cursos superiores é desafiador para um estudante de graduação produzir, no decorrer de uma disciplina semestral, uma boa pesquisa teórico-empírica em formato de artigo científico. Neste contexto, este estudo tem como objetivo oferecer um arcabouço teórico sobre autoria para auxiliar estudantes e pesquisadores envolvidos com a disciplina Laboratório de Gestão, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP), na identificação de indícios de autoria em seus textos acadêmicos.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. A autoria e o saber

As seguintes acepções de autoria para a produção de textos acadêmicos podem ser consideradas: (i) a presença de um sujeito não uno que se multiplica na enunciação, baseando-se na teoria polifônica da enunciação (DUCROT, 1987); (ii) a concepção de responsabilidade ao mostrar que o sujeito tem consciência do que enuncia (PÊCHEUX, 1997); (iii) a mudança de paradigma ao marcar a presença do sujeito não apenas como leitor, mas como um pensador-intelectual (ou um gênio) (BACHELARD, 2001); e (iv) a marca de estilo ao exprimir o modo como se relacionam a forma e o conteúdo no texto escrito (POSSENTI, 2002).

(i) O sujeito não uno (a teoria polifônica da enunciação)

Ducrot (1987) descreve que o sujeito não é uno, postulando a existência de um desdobramento do mesmo na enunciação: o locutor, como responsável pelo dizer; e os enunciadores, como responsáveis pelos pontos de vista colocados em cena pelo locutor. É importante examinar as atitudes do locutor em relação aos pontos de vista dos enunciadores: quando o locutor assume um enunciador o ponto de vista será imposto no enunciado; quando o locutor concorda com o enunciador o ponto de vista será mantido no enunciado; e, por fim, quando o locutor se opõe ao enunciador o objeto da oposição fica impedido de ser assumido em uma sequência discursiva (CAMPOS, 2011). Vale também salientar que o sujeito pode ocupar várias posições (ou lugares sociais) e que, a partir delas, vai construindo seu discurso.

(ii) A concepção de responsabilidade

Para Pêcheux (1995, p.161), “[...] os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na “língua” as formações ideológicas que lhes são correspondentes”.

(iii) O sujeito pensador intelectual

Bachelard (2001) discursa sobre a pedagogia científica ao propor uma ruptura com o determinismo científico, o método cartesiano e o pensamento objetivo. A noção de complexidade de pensamento fomenta a ciência moderna, proporcionando a geração dos fundamentos da razão aberta e do espírito científico para promover uma ressignificação da relação pedagógica e da prática científica, além de estimular dinâmicas criativas de autoria.

(iv) A marca de estilo

A substância da autoria pode apresentar uma relação tanto com o conceito de locutor (o falante como responsável pelo que diz) quanto com o de singularidade (forma peculiar de um autor estar presente no texto fazendo emergir uma noção de estilo). Possenti (2002) traz algumas reflexões sobre a concepção de autoria: (a) não basta que um texto satisfaça exigências de ordem gramatical uma vez que um texto é mais do que uma soma de frases sem sentido; (b)

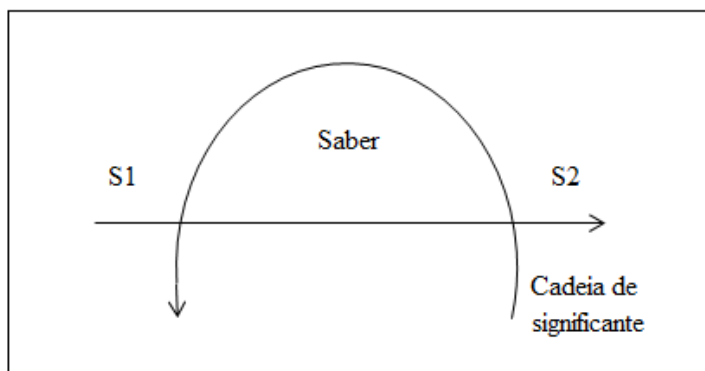
não basta que um texto satisfaça as exigências de ordem textual se não marca a posição do autor; e (c) as verdadeiras marcas de autoria são da ordem do discurso, ou seja, trata-se de fazer com que entidades e ações que apareçam no texto tenham historicidade de eventos e de coisas que têm sentido. Para isso, um autor pode assumir, sabendo ou não, duas atitudes: “dar voz a outros enunciadores” e “manter distância em relação ao próprio texto”. Ademais, Bakhtin (1975, p.139) afirma categoricamente que muito do que se diz são palavras de outrem.

Em *O que é um autor?* Foucault (1969-2011) propõe uma noção de autoria a partir da relação do texto com o autor, sendo que este (o mesmo) pode ser visto como um “fundador de discursividades”. Ainda salienta metaforicamente que a escrita está ligada ao sacrifício da própria vida do escritor. Desse modo, a marca de autoria não é mais do que a singularidade da ausência de quem escreve (FOUCAULT, 2002, p.34-36).

No contexto acadêmico, a função-autor (FOUCAULT, 2002, p. 50) basicamente pode ser caracterizada pelo mecanismo de apropriação de pontos de vista de autores (da ordem estabelecida), permitindo distinguir os diversos “eus” que os indivíduos ocupam em determinada obra. Para tanto, Lacan (1969-1970) diz que a construção do saber se articula na cadeia de significantes de um sujeito.

A partir das concepções de autoria (Foucault) e de fantasia (Lacan), Carreira (2008) ensaia as “articulações do saber” como fatos pronunciados em uma cadeia de significantes (S1-S2). Como mostra a Figura 1, na cadeia de significante o saber justamente se constrói a partir da retroação de um significante que vem depois (S2) sobre um significante que veio antes (S1):

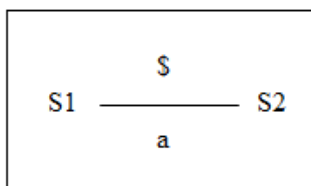
Figura 1 – Articulações do saber



Fonte: Carreira (2008) de acordo com o “Grafo do desejo” de Lacan (1960-1966).

Para Carreira (2008) o saber se estabelece quando um sujeito-falante dá um salto no vazio de sentido. O sujeito (\$) emerge nos intervalos significantes (S1-S2) (Lacan, 1969-1970). O resto (a) (re)aparece daquilo que não foi compreendido pelo sujeito (\$) nos intervalos significantes (S1-S2). Ou seja, o resto (a) significa que a construção do saber não esgota a cadeia de significantes, como mostra a Figura 2:

Figura 2 – Construção do saber



Fonte: Carreira (2008) de acordo com Lacan (1969-1970).

Ao remeter à expressão de Foucault, Carreira (2008) afirma que o gozo se refere à satisfação em que o sujeito não cessa de desaparecer, sendo que sua proximidade com o objeto pode provocar um sentimento de angústia (LACAN, 1963). É importante frisar, portanto, que a autoria faz despontar um sentimento angustiante no autor, que ao desaparecer como sujeito, pode se fazer emergir na escrita rompendo os desafios da autoria.

Para Foucault (2002), um nome de autor não é simplesmente um elemento em um discurso justamente por exercer um papel específico que assegura uma função classificatória, agrupando e delimitando o modo de ser do discurso. Desta forma, o autor (FOUCAULT, 2002) e o sujeito (LACAN, 1960-1966) não podem ser pensados separadamente quando se fala em autoria: tanto o nome (do autor) quanto o nome próprio (do sujeito) remetem à existência de um traço singular em uma obra. Desta forma, a noção de autoria não pode ser pensada somente a partir do “eu” (o ser), assim como mostra a fórmula da fantasia ($\$ \diamond a$), na Figura 3, uma vez que se completa com o posicionamento do sujeito diante do reconhecimento da incompletude no outro (o sentido): o sujeito se dá ao outro a fim de verificá-lo e/ou completá-lo no caso da alienação; ou o sujeito se esquivava do outro por uma falta que acomete a ambos, introduzindo-se como um sujeito-falante, no caso da separação (LACAN, 1969-1970).

Figura 3 – Fórmula da fantasia



Fonte: adaptado de Carreira (2008) de acordo com o *Vel da Alienação* (LACAN, 1988).

A fórmula da fantasia ($\$ \diamond a$) traz, portanto, o articulador lógico modal (\diamond) que resulta da união dos símbolos matemáticos: o da conjunção (Sujeito “maior que” o objeto do outro; $\{>\}$) e o da disjunção (Sujeito “menor que” o objeto do outro; $\{<\}$). Na operação lógica da alienação o sujeito não pode ser desviado do outro (conjunção), existindo uma forte relação de dependência significativa do sujeito para com o outro e, neste caso, no intervalo onde existe a união do ser (sujeito) com o sentido (outro) situa-se o significante inaugural (a). Na operação lógica da separação existe uma vontade de sair desta relação de dependência significativa do sujeito para com o outro (disjunção), prevalecendo uma vontade de saber o que vai além daquilo que outro diz, supondo uma lógica da falta no outro e, conseqüentemente, um retorno para o sujeito da alienação constitutiva. Ou seja, a falta do outro é colocada à mostra, anunciada ‘para além’ ou ‘para aquém’ do que o outro diz, quando “o sujeito vem jogar a sua partida” (LACAN, 1988, p. 208).

Em *A morte do autor* (1968), Barthes discursa acerca da dificuldade em se precisar de quem é a voz que escreve, uma vez que a escrita é “esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito” (BARTHES, 1984, p.49). Barthes enuncia que não é o autor

quem fala, mas a linguagem, na perspectiva psicanalítica e histórico-social. Isso significa que no momento em que o sujeito assume a linguagem acaba proferindo palavras que já foram ditas de alguma forma em determinada ocasião, embora muitas vezes não tenha consciência disso. A diminuição de poder da instância autoral reflete, evidentemente, em um aumento do poder do leitor; em outras palavras, o leitor enquanto instância articuladora do texto torna-se também responsável pelas diferentes maneiras de conduzir a leitura de um texto. Desta maneira, existe uma proposição de equiparação entre o autor e o leitor, uma vez que ambos são produtores do texto (BARTHES, 1984, p.53).

3.2. Texto acadêmico

O termo manuscrito é utilizado na literatura acadêmica para designar a obra de um escritor em sua versão original não publicada. Assim, pode-se dizer que o “manuscrito escolar” é o termo utilizado para um texto produzido por um indivíduo na condição de estudante, tendo uma instituição escolar como cenário que contextualiza e situa o ato de escrever. Além disso, existem condições específicas para a produção de manuscritos, tais como: (i) posição do estudante; (ii) solicitação externa; (iii) limitação de tempo acentuada; (iv) expectativa para aquisição de normas e regras da língua; e (v) expectativa avaliativa que visa equalizar o texto escrito de um estudante e seu nível de escolaridade, ou seja, sua formação universitária (CALIL, 2008; p.25).

Os textos acadêmicos começaram a ser realmente representados pelos seus autores a partir do momento da responsabilidade do autor em relação aos seus discursos transgressores, como objetos histórico-sociais. Pêcheux (1995) afirma que o discurso pode ser definido não como um transmissor de informações, mas como um “(...) efeito de sentidos entre interlocutores”. Além disso, a memória quando ativada para a construção de um discurso é tratada como “interdiscurso”, sendo o que se fala antes, em outro lugar e independentemente. Ou seja, a partir da memória discursiva torna-se possível construir o “saber discursivo”, permitindo que um dizer retorne sob forma de objeto (re)construído e que o “já dito” seja ressignificado.

Especificamente neste estudo, o termo manuscrito faz referência a textos acadêmicos, em formato de artigo científico (pesquisa aplicada), sendo que o estudo da produção de conhecimento em âmbito universitário inclui o sujeito que o produz, uma vez que o manuscrito relata traços de um ato, uma enunciação em andamento, um processo de criação com seus avanços e barreiras, seus acréscimos e riscos, seus erros críticos e reparações, seus excessos e faltas, seus ganhos e perdas (GRÉSILLON, 1994, p.33).

3.3. A noção de forma e de estilo no discurso

O discurso pode ser considerado algo ideológico por emergir das articulações de saberes de várias áreas do conhecimento e por mostrar a expressão das posições de classe ou de grupo. Para tanto, o discurso tem que ser uma máquina de fazer sentido (POSSENTI, 2008, p.153-154).

Segundo Pêcheux e Fuchs (1975-1997) a semântica deve ser considerada à luz de processos históricos. Portanto, a descoberta do sentido e a forma do discurso (ou sua materialidade) tornam-se elementos essenciais por se tratar de algo de natureza psicológica, sociológica e/ou filosófica (POSSENTI, 2008, p.155-156). Para Possenti (2008, p.158) a forma é o meio linguístico que veicula e/ou provoca os efeitos de sentido, existindo como uma materialidade significativa que faz emergir o conteúdo como “substância da expressão” (ou substância significativa) (HJELMSLEV, 1943-1975).

Em *Filosofia do estilo*, Granger (1968) menciona caminhos possíveis para desenhar uma estilística da atividade científica (POSSENTI, 2008, p. 211), mostrando que “aparentemente o sucesso da empresa científica seria até mesmo a morte do estilo” uma vez que a ciência é “de fato uma construção de modelos abstratos, coerentes e eficazes dos fenômenos” (POSSENTI, 2008, p.212).

A concepção de estilo no discurso pode, portanto, estar relacionada à marca do trabalho, bastando apresentar a comparação de estágios, as tentativas, os progressos, as mudanças de direção necessárias até que o trabalhador (cientista) considere ter chegado a uma estrutura adequada para a representação de um fenômeno (“jogo sutil de forma e conteúdo”) (POSSENTI, 2008, p.213). Por fim, a concepção de estilo decorre da relação do trabalhador (cientista) com a conjuntura de acordo com seus papéis sociais exercidos (POSSENTI, 2008, p. 219-220).

4. METODOLOGIA

Este estudo pode ser classificado como uma pesquisa descritiva, bibliográfica e qualitativa, segundo os objetivos, os procedimentos e as fontes de informação e a natureza dos dados, respectivamente (GONSALVES, 2007, p.66), conforme Quadro 1:

Quadro 1 – Tipos de pesquisa

Objetivos	Procedimentos	Fontes de informação	Natureza dos dados
Exploratória Descritiva Experimental Explicativa	Experimento Levantamento Estudo de caso Bibliográfica Documental Participativa	Campo Laboratório Bibliográfica Documental	Quantitativa Qualitativa

Fonte: Gonsalves (2007, p.66)

5. COLETA DE DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este estudo se baseou em experiências acadêmicas dos autores, conduzindo dezenas de disciplinas de Laboratório de Gestão, lendo e avaliando centenas de resumos de capítulos do livro-texto, de resumos e de versões finais de pesquisas aplicadas (artigos científicos) o que permitiu gerar, por inúmeros semestres, revisões melhoradas das ementas desta disciplina científica. O material que constitui a base de dados primários, em formato físico e eletrônico, encontra-se em estudo aprofundado para o desenvolvimento de uma tese de doutoramento.

5.1. Laboratório de Gestão: integrando pesquisa aplicada ao jogo de empresas

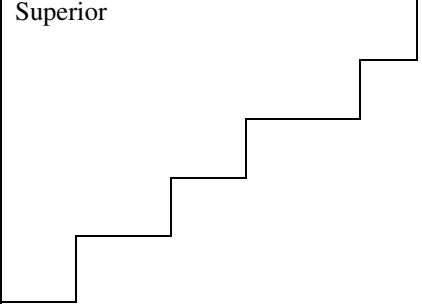
A disciplina Laboratório de Gestão do curso de graduação de Administração da FEA-USP vem sendo (re)planejada semestralmente desde 2006, em formato semipresencial, sendo que o andamento da mesma se dá em quinze semanas (aulas presenciais) com uma plataforma de ambiente virtual de aprendizagem - AVA que pode ser acessada remotamente e de maneira assíncrona (aulas virtuais), vinte e quatro horas ao dia, pelo portal SimuLab (www.SimuLab.com.br/ead).

O Laboratório de Gestão é um ambiente de aprendizagem gerencial e científica que permite, em sala de aula, a assimilação das regras do simulador e a compreensão das funções

gerenciais. Nestas duas atividades se operam pensamentos de complexidade inferior. No jogo de empresas aplicam-se os conhecimentos sobre as regras do simulador (disciplinaridade) e sobre as teorias de gestão (interdisciplinaridade), referentes às seis áreas funcionais (presidência, *marketing*, produção, planejamento, recursos humanos e finanças). Os resultados previstos durante o planejamento são comparados aos realizados ao final de cada rodada do jogo, levando os estudantes a (re)discutirem o plano de gestão inicial.

Os repetidos ciclos de aplicação e análise no jogo de empresas permitem que os estudantes exercitem processos analítico-reflexivos compartilhados, criando um enredo histórico para a produção de uma pesquisa aplicada. Em tais atividades se operam pensamentos de complexidade superior (SAUAIA, 2006; 2008; 2010; 2013), conforme Quadro 2:

Quadro 2 – Taxonomia de Bloom e o Laboratório de Gestão

Ordem e Complexidade do Pensamento (crescem de baixo para cima)	Bloom <i>et al.</i> (1956): substantivos	Bloom <i>et al.</i> (2000): verbos	Laboratório de Gestão (2013): jogo de empresas com pesquisa aplicada
	Avaliação	Criando	Pesquisa aplicada
	Síntese	Avaliando	Discutindo o plano
	Análise	Analisando	Prevendo x medindo
	Aplicação	Aplicando	Tomando decisões
	Compreensão	Compreendendo	Funções gerenciais
Inferior	Assimilação	Recordando	Regras do simulador

Fonte: Sauaia (2013, p. XXIV)

O Laboratório de Gestão pode ser representado pela equação: $LG = SO + JE + PA (t/e)$; onde se lê: LG = Laboratório de Gestão; SO = Simulador organizacional; JE = Jogo de empresas; e PA (t/e) = Pesquisa aplicada (teórico-empírica) que se concretiza com a produção de um texto acadêmico de autoria.

5.2. Índícios de autoria na prática gerencial e científica do Laboratório de Gestão

A dinâmica da disciplina de Laboratório de Gestão (SAUAIA, 2013) integra os três pilares: o simulador organizacional (artefato), o jogo de empresas (prática gerencial) e a pesquisa aplicada (prática científica), trazendo uma proposta de pedagogia científica (BACHELARD, 2001), no âmbito da graduação em Administração, para consolidar uma experiência de aprendizagem gerencial e científica e subsidiar com dados primários a produção de um texto acadêmico de autoria que reúna traços de atos e fatos, enunciações em andamento, fatores restritores e alavancadores de aprendizagem para a produção de conhecimento em âmbito universitário (GRÉSILLON, 1994).

As atividades no Laboratório de Gestão são processos fundamentais para a produção de um texto acadêmico com indícios de autoria, sendo elas: leitura aprofundada e resumo de capítulos indicados; responsabilidades individuais e coletivas (grupos indicados pelo professor) associadas às funções gerenciais escolhidas livremente no jogo de empresas; uso de *templates* e/ou materiais de apoio fornecidos na disciplina; elaboração de texto próprio com elementos da pesquisa aplicada, fundamentados na vivência laboratorial e roteirizados pela Monografia Racional de Sauaia (1996); atividades de aprofundamento por meio de reflexão crítica em

repetidas avaliações por pares. O saber resulta da construção progressiva de estruturas logicamente encadeadas (de menor para maior complexidade de pensamento). E a noção de complexidade de pensamento no encadeamento das atividades desta disciplina permite que estudantes-gestores (pesquisadores) (E-g) desenvolvam fundamentos da razão aberta e do espírito científico, fazendo emergir uma ressignificação da relação pedagógica com a prática gerencial e científica para estimular a transposição dos novos significados para dinâmicas criativas de autoria em outros contextos (BACHELARD, 2001; SAUAIA, 2006; 2008; 2010; 2013).

O simulador organizacional é composto por algoritmos computacionais que influenciam o comportamento dos estudantes que atuam como agentes econômicos concebendo relações entre as variáveis de um determinado mercado. A assimilação e a compreensão das regras econômicas pelos estudantes-gestores (E-g) na dinâmica do jogo de empresas representam uma espécie de ancoragem para a produção de significados no processo de aprendizagem gerencial e científica, representando os níveis mais inferiores da ordem de complexidade de pensamento. De maneira lógica e gradual, as regras econômicas podem ser assimiladas e compreendidas pelos estudantes-gestores (E-g), mesmo que em diferentes momentos para cada um (SAUAIA, 2006; 2008; 2010; 2013). A substância da autoria pode ser concebida nos níveis mais inferiores da ordem de complexidade do pensamento, a partir do momento em que o estudante-gestor (E-g) torna-se um locutor responsável pela ordem do discurso no texto acadêmico, tecendo argumentações lógicas sobre as regras econômicas e as consequências de sua atuação em uma área funcional na dinâmica do jogo de empresas (POSSENTI, 2002). Neste caso, o estudante-gestor (E-g) também pode iniciar seu processo de (re)conhecimento em relação ao texto acadêmico como um “fundador de discursividades”, deixando marcas seminais de autoria na medida em que suaviza seus caracteres individuais no texto acadêmico (FOUCAULT, 1969-2011; 2002), dá voz a outros enunciadores e mantém a distância em relação ao próprio texto (POSSENTI, 2002).

Para concretizar o processo de aprendizagem gerencial e científica nos níveis inferiores de complexidade de pensamento, os estudantes-gestores (E-g) desenvolvem atividades de leitura aprofundada e de resumos dos capítulos do livro-texto, um de cada área funcional, tendo um contato preliminar com os elementos da pesquisa aplicada produzida por outros autores, em uma tentativa de apropriação dos conceitos ligados a sua posição social ou a uma área funcional da dinâmica do jogo de empresas, na busca de formações discursivas como sujeitos-falantes (PÊCHEUX, 1995). Estas atividades ocorrem devido a uma tentativa do estudante-gestor (E-g) de assumir uma posição social de “sujeito que vem jogar a sua partida” (LACAN, 1988) no jogo de empresas e a uma solicitação externa do professor responsável com prazos predefinidos e parâmetros de avaliação (CALIL, 2008).

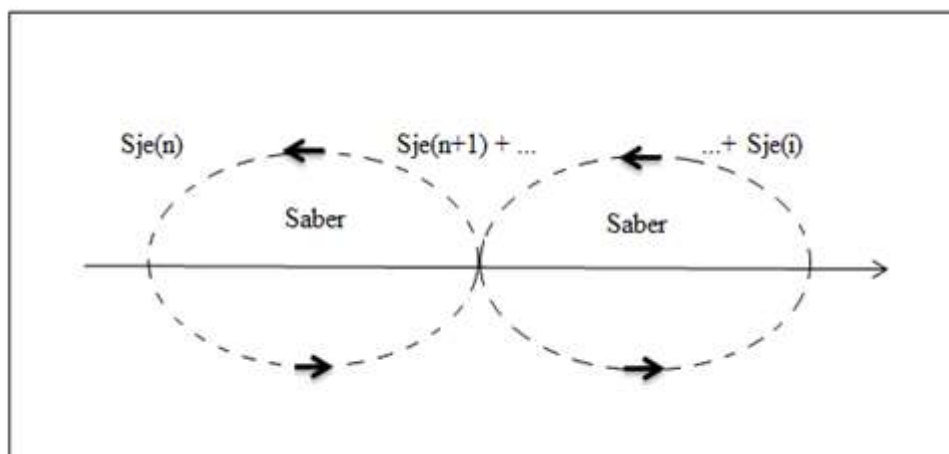
Entretanto, nesse momento inicial da disciplina pode existir uma dificuldade de adesão à pedagogia científica proposta pelo professor (BACHELARD, 2001), principalmente devida à lógica excessiva de alienação que marca uma dependência significativa do estudante-gestor (o que lhe parece a expressão gestor-pesquisador) (E-g) para com o outro (LACAN, 1988). Desta forma, o estudante-gestor (E-g) pode interpretar que as atividades de leitura aprofundada e de resumos dos capítulos sejam algo “sem sentido”, não existindo um entendimento sobre a dimensão de subjetividade do significante inaugural (LACAN, 1988) para a assimilação e compreensão das regras econômicas do simulador organizacional. Somente a partir do vazio da assimilação das regras econômicas e do contato preliminar com os textos acadêmicos de cada área funcional os estudantes-gestores (E-g) podem iniciar um processo de (res)significação para entender os desdobramentos dos sujeitos como locutores e enunciadores, ou seja, a dinâmica da multiplicação do sujeito-autor na enunciação (DUCROT, 1987; CAMPOS, 2011). Buscando avançar para um processo de compreensão das funções gerenciais na dinâmica do jogo de empresas, os estudantes-gestores (E-g) podem evoluir (ou não, evidentemente) da fase de

decalque que impede uma lógica (necessária) de alienação para a aderência posterior de uma lógica de separação com menor grau de dependência dos outros (LACAN, 1988; CARREIRA, 2008).

Na dinâmica do jogo de empresas a experiência de aprendizagem gerencial e, posteriormente, científica pode ser observada por meio das ações dos estudantes-gestores (E-g) em sala de aula a partir do amadurecimento da compreensão das regras econômicas do simulador organizacional. A aprendizagem vivencial e o desenvolvimento de competências humanas e relacionais resultam da interação dos indivíduos e grupos no meio social, na presença de conflitos subjetivos diretos e indiretos entre indivíduos e grupos. Desse modo, o estudante-gestor (E-g) tem a oportunidade de tornar-se sujeito-falante (PÊCHEUX, 1995) e ativo, desenvolvendo suas competências, habilidades e atitudes gerenciais com mudanças de conduta, a partir da interpretação dos resultados das suas próprias ações estratégicas nas rodadas encadeadas do jogo de empresas (SAUAIA, 2006; 2008; 2010; 2013).

Para a construção do saber, ou seja, a produção de conhecimento no âmbito universitário, no ambiente laboratorial de gestão, a partir da cadeia de significantes na dinâmica do jogo de empresas, os estudantes-gestores (E-g) iniciam o processo de tomada de decisão estratégica nas mesmas condições operacionais de recursos e de *market-share*, com um mercado inicialmente oligopolista e um produto denominado “SET – Bem tecnológico multitarefa” homogêneo. O estudante-gestor (E-g) pode envolver-se na dinâmica do jogo de empresas para a construção de um saber relacionado a uma área funcional, analisando criticamente sua atuação como diretor de área, e extraindo *insights* (significantes de aprendizagem) para aplicações dos resultados em subseqüentes rodadas do jogo de empresas, até que um processo de aprendizagem gerencial e científica se consolide para a produção de texto acadêmico em formato de artigo científico de autoria, conforme a Figura 4:

Figura 4 – Cadeia de significante(s) no jogo de empresas



Fonte: elaborada pelos autores.

Legenda: Sje=significante no jogo de empresas; n=número da rodada; i=rodada final.

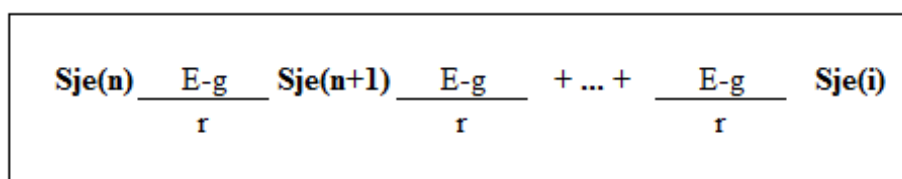
As articulações do saber se consolidam a partir dos fatos pronunciados das respectivas áreas funcionais, na cadeia de significantes do jogo de empresas {Sje(n)-Sje(i)}. Como mostra a Figura 4, o saber vai se construindo gradual e continuamente a partir da retroação de um significante que vem depois {Sje(n+1)} sobre um significante que veio antes {Sje(n)} até que haja o significante final {Sje(i)}, mesmo sabendo que o saber nunca se esgota na cadeia de significantes do jogo de empresas (CARREIRA, 2008).

O saber se estabelece quando um estudante-gestor (E-g) dá um salto no vazio de compreensão do sentido das regras econômicas, o que faz despontar um sentimento de angústia (LACAN, 1963) muitas vezes nos estudantes-gestores (E-g).

Os estudantes-gestores (E-g) emergem como sujeitos-falantes e ativos dos seus processos de aprendizagem gerencial e científica nos intervalos significantes das rodadas do jogo de empresas {Sje(n) - Sje(n+1) - ...Sje(i)}, sendo que sempre permanece um resto (r), a partir do resto inaugural (rodadas-testes), que é inferior ao resto do significante anterior, ou seja, aquilo que não pode ser extraído das regras econômicas como aprendizagem na rodada das decisões estratégicas.

Esta dinâmica da cadeia de significantes evidencia o próprio discurso de caráter científico do jogo de empresas uma vez que o saber nunca se esgota na cadeia de significantes (LACAN, 1969-1970; CARREIRA, 2008), conforme Figura 5:

Figura 5 – A cientificidade do jogo de empresas



Fonte: elaborada pelos autores.

Legenda: Sje=significante no jogo de empresas; n=número da rodada; i=rodada final; E-g=sujeito (estudante-gestor); r=resto.

A disciplina Laboratório de Gestão é conduzida pelo professor para criação de situações em que novos conhecimentos possam ser produzidos e conhecimentos existentes possam ser renovados a partir da concepção de que os estudantes podem se tornar sujeitos-falantes (PÊCHEUX, 1995), com potencial de desenvolvimento de autoria. Os estudantes-gestores (E-g) podem aproveitar o que já conhecem das teorias prontas (lógica da alienação), na forma de conteúdos fragmentados de outras disciplinas do curso, para ampliar seus conhecimentos, reconstruindo-os e/ou enriquecendo-os (lógica da separação) através de questionamentos e *insights*, produzidos e, por fim, documentados no texto acadêmico. A suposição de autoria neste caso se dá pelas concepções de responsabilidade, sendo que os estudantes-gestores (E-g) devem mostrar consciência e proficiência do que enunciam (PÊCHEUX, 1997), e/ou, até mesmo, de mudança de paradigmas das lentes teóricas existentes, podendo se mostrar como um pensador-intelectual (BACHELARD, 2001) que se apropria da função-autor (FOUCAULT, 2002) ao distinguir os diversos “eus” ocupados na cadeia de significantes da dinâmica do jogo de empresas (LACAN, 1969-1970).

Com a pesquisa aplicada, os estudantes-gestores (E-g) podem desenvolver o senso crítico-analítico, a capacidade de criação, a autoria e a autonomia intelectual (lógica da separação), a partir das revisões dos planos de gestão e das análises das rodadas subsequentes do jogo de empresas (lógica da alienação). Os elementos da pesquisa aplicada evidenciam os processos históricos da dinâmica do jogo de empresas (PÊCHEUX; FUCHS, 1975-1997) e a materialidade linguística do discurso (GRANGER, 1968) e/ou a materialidade significativa (HJELMSLEV, 1943-1975), que podem ser geradas através da análise dos relatórios gerenciais para a descoberta de sentido (POSSENTI, 2008) das regras econômicas para dar suporte às decisões estratégicas e consolidar a aprendizagem gerencial e científica no ambiente laboratorial de gestão. Além disso, a materialidade significativa faz emergir um conteúdo de autoria como “substância da expressão” (HJELMSLEV, 1943-1975).

A estilística da pesquisa aplicada no Laboratório de Gestão, no tocante a forma do discurso, no entanto, não se faz presente justamente porque a Monografia Racional de Sauaia (1996) não é um modelo abstrato (POSSENTI, 2008), mas um material consolidado de apoio da disciplina (em formato de roteiro). É a partir da semântica dos processos histórico-sociais por parte do trabalhador (cientista), o estudante-gestor (E-g), que é possível se conduzir a uma construção de formações discursivas singulares (PÊCHEUX, 1995), que sejam adequadas para a representação de fenômenos vivenciados pelos estudantes-gestores (E-g) em seus papéis sociais exercidos na dinâmica do jogo de empresas (POSSENTI, 2008). Dentro desse contexto, a autoria pode ser representada pela própria linguagem do estudante-gestor (E-g) em uma perspectiva psicanalítica e histórico-social (BARTHES, 1984) e pela sua forma peculiar de estar presente no discurso do texto acadêmico (POSSENTI, 2002).

Os princípios da dúvida e do questionamento fazem parte das atividades de pesquisa aplicada, retroalimentando o saber na cadeia de significantes (CARREIRA, 2008), tornando-se elementos essenciais para a construção de certezas provisórias, a partir de revisões contínuas dos planos de gestão ao final de cada rodada do jogo de empresas.

O ambiente da disciplina é desenvolvido com caráter de prática laboratorial, gerencial e científica, objetivando o desenvolvimento de capacidades transformadoras do cotidiano e utilizando o recurso tecnológico do simulador organizacional para a interação acentuada dos estudantes-gestores (E-g) com a tecnologia no processo de aprendizagem (SAUAIA, 2006; 2008; 2010; 2013).

O Quadro 3 mostra as definições operacionais dos elementos da pesquisa aplicada (teórico-empírica), em formato de artigo científico, baseando-se na Monografia Racional de Sauaia (1996):

Quadro 3 – Vel da alienação nos elementos da pesquisa aplicada

Elementos (SAUAIA, 1996)	Definições operacionais (SAUAIA, 1996)	Evidências de Autoria
Resumo	Problema de pesquisa e objetivo(s), referencial teórico, método de pesquisa, principal resultado (para dentro) e principal conclusão (para fora).	Alienação-Separação
Problema de pesquisa e objetivo(s)	Dilema ou conflito organizacional a ser examinado no contexto da dinâmica do jogo de empresas, devendo ser informados na forma de objetivos (geral e específico), questões e/ou problema de pesquisa.	Alienação-Separação
Referencial teórico	Conceito 1 - Revisão de literatura acadêmica (modelo de gestão); Conceito 2 - Literatura empresarial (casos de sucesso e fracasso); e Conceito 3 - Literatura acadêmico-empresarial (temas transversais como sustentabilidade, política e cidadania).	Alienação
Método(s) de pesquisa	Procedimentos de pesquisa e a forma pela qual os dados serão coletados e analisados (estudo de caso, experimento e/ou testes de hipóteses).	Alienação
Instrumento(s) de coleta e/ou análise de dados	Formulários de decisão, relatórios trimestrais, questionários e/ou entrevistas em profundidade.	Alienação
Descrição do experimento	Vivência em sala de aula e encadeamento semanal do processo de aprendizagem.	Alienação-Separação
Análise descritiva dos dados e discussão dos resultados	Dados primários coletados e apresentados em tabelas, quadros e/ou figuras e discussão dos resultados com base na teoria do referencial teórico dos conceitos 1, 2 e 3.	Alienação-Separação

Considerações finais (conclusões, limitações e proposição para novos estudos)	Consequências e benefícios para as empresas reais, para a academia e para os leitores; restrições e limitações de escopo e da base de dados do laboratório; avanços e possíveis estudos a explorar no futuro.	Alienação-Separação
Referências	Fontes consultadas, segundo a norma ABNT (local: editora, ano); APA (6ª edição) e/ou 'instruções para autores' de periódicos nacionais e internacionais.	Alienação

Fonte: elaborada pelos autores.

Para desenvolver o referencial teórico, a escolha dos métodos de pesquisa e dos instrumentos de coleta e/ou análise de dados e as referências, os estudantes-gestores (E-g) permanecem ancorados em uma lógica de alienação, como fase preliminar indispensável para as atividades desejadas de co-criação de conhecimento na pesquisa aplicada. Neste contexto, o estudante-gestor (E-g) como sujeito-falante tem ainda uma forte relação de dependência significativa para com o outro (conjunção) (LACAN, 1988; BAKHTIN, 1975). A acepção de autoria para a produção do texto acadêmico a partir da lógica de alienação permite uma tentativa do sujeito de se multiplicar na enunciação (DUCROT, 1987), dando os primeiros passos para uma “formação discursiva” com tônica de subjetividade ideológica (PÊCHEUX, 1995) e originalidade (HOUAISS; VILLAR, 2011), por meio da interpretação dos diferentes pontos de vistas (diferentes vozes) de outros autores.

Para desenvolver o resumo, o problema de pesquisa e o(s) objetivo(s), a descrição do experimento, a análise descritivas dos dados e a discussão dos resultados, e as considerações finais com contribuições, limitações e proposições para novos estudos, os estudantes-gestores (E-g) podem avançar da ancoragem de uma lógica de alienação para uma lógica de separação a partir do momento que passa a existir um desejo do estudante-gestor (E-g) de sair daquela relação de dependência significativa para com o outro (disjunção) (LACAN, 1988). A acepção de autoria a partir da lógica de separação permite, portanto, que o sujeito possa se tornar um pensador-intelectual na busca de uma mudança paradigmática (BACHELARD, 2001).

A integração dos conhecimentos fragmentados das diferentes áreas funcionais pode gerar oportunidades de avaliação dos processos de tomada de decisões, *insights* e questionamentos para a criação da pesquisa aplicada individual sob uma lógica de separação, e, por fim, uma possibilidade de extensão para a carreira dos estudantes (SAUAIA, 2006; 2008; 2010; 2013). As atividades de prática gerencial e científica mostram que o processo de produção de conhecimento dos estudantes não deve ser passivo, sendo produto de reflexão crítica e de questionamento com nível de profundidade para a criação de um texto acadêmico de autoria, uma vez que os estudantes-gestores (E-g) apresentam suas capacidades de apresentar juízo de valor sobre seus papéis sociais exercidos no jogo de empresas baseados em modelos de gestão (SAUAIA, 2006; 2008; 2010; 2013).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se fala no século XXI de uma “crise existencial” da universidade, uma vez que ela não vem sendo um espaço fomentador de avanço e/ou produção de conhecimento. A educação superior tem se mostrado como um sistema mecânico e de certa forma inerte, ou seja, o que se pede aos estudantes é que eles sejam apenas capazes de manifestar ao professor os conteúdos reproduzidos em sala de aula, sendo que muitas vezes esses conteúdos não fazem sentido algum para sua formação universitária e, conseqüentemente, para sua vida profissional.

Discutir as acepções de autoria no âmbito universitário permite entender que o aprender sobre um determinado fenômeno e/ou objeto vai além da acumulação de saberes prontos

transmitidos. Desta forma, torna-se necessário o (re)pensar do papel da universidade como um novo espaço significativa para a (re)construção do conhecimento e a formação de discursividades singulares, permitindo uma (res)significação dos saberes e do papel dos estudantes-gestores (E-g) (com E maiúsculo), ou seja, como sujeitos autônomos (“sujeitos que vem jogar a sua partida”) e responsáveis pelos seus processos de aprendizagem gerencial e científica.

Este estudo contribui para que a disciplina Laboratório de Gestão da FEA-USP traga uma nova perspectiva de aplicação de lente teórica a respeito da autoria e da produção do saber discursivo a partir da combinação de três pilares conceituais para o processo contínuo de aprendizagem gerencial e científica de graduandos em Administração: utilizar o simulador organizacional (artefato tecnológico) para a dinâmica do jogo de empresas (prática gerencial - decisão estratégica) com pesquisa aplicada (prática científica – produção de texto acadêmico), por um lado mostra-se como uma combinação de estratégias de ensino-aprendizagem desafiadora no âmbito da graduação; no entanto, por outro, pode ser uma oportunidade dos estudantes saírem do modelo de educação reprodutivo com lógica excessiva de alienação, predominante nas grandes disciplinas conteudistas. Desta forma, os estudantes no ambiente laboratorial podem avançar do articulador lógico da conjugação para a disjunção, sendo mobilizados a saberem o que vai além daquilo que o outro diz (professor e enunciadores dos modelos de gestão), tornando-se sujeitos “separados” e não meramente “alienados”.

Novos estudos poderiam ser conduzidos no Laboratorial de Gestão, buscando-se as evidências de dados empíricos para fundamentar uma análise da formação de discursividades neste ambiente de aprendizagem, em todos os possíveis elementos da pesquisa aplicada, revelando, desta forma, os indícios de autoria nos textos acadêmicos produzidos pelos estudantes nos semestres letivos.

7. REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. O novo espírito científico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

BAKHTIN, M. Questões de literatura e estética. São Paulo: UNESP-Hucitec, 1975.

BARTHES, R. Elementi di Semiologia. Linguistica e scienza delle significazioni. Turim: Bonomi, 1968.

BARTHES, R. A morte do autor. In: BARTHES, R. O Rumor da língua. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1984.

CALIL, E. Escutar o invisível: escritura & poesia na sala de aula. São Paulo: Editora UNESP. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

CARREIRA, A. F. Autoria e fantasia: cons(c)ertando a realidade insatisfatória. IN: TFOUNI, Leda Verdiani. Múltiplas faces da autoria: análise do discurso, psicanálise, literatura, modernidade e enunciação. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

DORIGATTI, Bruno. Ascensão e Declínio do Autor. In: I SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2004, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.livrohistoriaeditorial.pro.br/pdf/brunodorigatti.pdf> - Acesso em 17 de novembro de 2016.

DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. O dizer e o dito. Campinas: Pontes, 1987.

FOUCAULT, M. O que é um autor? Portugal: Veja / Passagens, 2002.

FOUCAULT, M. Cuidado com a Verdade. In: FOUCAULT, M. Ética, sexualidade, política. Tradução de Elisa Monteiro & Inês Barbosa. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? (1969) In: Ditos e Escritos – Estética: literatura e pintura; música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

GONSALVES, E. P. Iniciação a pesquisa científica. 4ª edição – revisada e atualizada. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

GRANGER, G. G. Filosofia do estilo. São Paulo: Perspectiva, 1968.

GRÉSILLON, A. Eléments de Critique Génétique: lire les manuscrits modernes. Paris: Press Universitaires de France (PUF), 1994.

HJELMSLEV, L.T. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. São Paulo, Perspectiva, 1943-1975 (trad.de *Omkring Sprogteoriens Grundlaegelse*).

HOUAISS, A; VILLAR, M.S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LACAN, J. Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien. In J. Lacan, *Écrits*, (pp. 793-827). Paris: Seuil, 1960-1966.

LACAN, J. O Seminário, livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1962-1963.

LACAN, J. O Seminário de Jacques Lacan, livro 17: o avesso da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1969-1970.

LACAN, J. O seminário. Livro 11. In Os quatro conceitos da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. [trad. Eni Orlandi *et ali*] Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. Mises au point et perspectives à propôs de l'analyse automatique du discours. In: *Languages*, 37. Paris, Didier-Larousse, 1975-1997, pp.7-80.

POSSENTI, S. Índícios de autoria. Perspectiva, Florianópolis: Edufsc, v.20, n.1, 2002.

POSSENTI, S. Discurso, estilo e subjetividade. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SAUAIA, A. C. A. Monografia Racional. Anais do 1o. SEMEAD – Seminários em Administração. v. 1, Setembro, p. 276-94, *PPGA/FEA/USP/SP*, 1996.

SAUAIA, A. C. A. Lógica econômica, raciocínio estratégico e evolução organizacional: além das regras do jogo de empresas. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo. Brasil: São Paulo, 2006.

SAUAIA, A. C. A. Laboratório de Gestão: simulador organizacional, jogo de empresas e pesquisa aplicada. 1ª edição. Barueri, SP: Manole, 2008.

SAUAIA, A. C. A. Laboratório de Gestão: simulador organizacional, jogo de empresas e pesquisa aplicada. 2ª edição revisada e atualizada. Barueri, SP: Manole, 2010.

SAUAIA, A. C. A. Laboratório de Gestão: simulador organizacional, jogo de empresas e pesquisa aplicada. 3ª edição revisada e atualizada. Barueri, SP: Manole, 2013.